

Klossowski, a repressão imanente e a moeda viva: sobre uma das bases da economia libidinal esquizoanalítica

Emerson Pirola¹

Resumo: O presente artigo explora a contribuição de Pierre Klossowski ao debate sobre a economia libidinal que será seguido por Deleuze & Guattari com o projeto esquizoanalítico. Demonstra-se a influência explícita e implícita do texto klossowskiano em *O anti-Édipo*, dando centralidade às ideias de 1) indistinção entre infra e superestrutura, em que o desejo (ou o que Klossowski chama de emoção voluptuosa) se insere na infraestrutura econômica material; 2) de que a repressão é um fenômeno imanente ao próprio desejo, na linha da identidade entre produção social e produção desejante, mediadas pelo sujeito e pelas necessidades socialmente estabelecidos, e saindo da abordagem que postulava uma dualidade entre um espontaneísmo do desejo e uma repressão social externa (creditada ao campo freudo-marxista); e 3) de que o dinheiro ou a moeda são elementos essenciais da economia libidinal capitalista, visto que o dinheiro se torna o fantasma universal que se permuta com toda e qualquer emoção voluptuosa. O artigo explana sobre a relação entre Klossowski e Deleuze (& Guattari), bem como a influência do primeiro sobre os segundos, e demonstra a economia da “alma” proposta por Klossowski, com as noções de emoção voluptuosa, fantasma, simulacro e *suppôt* e, a partir dessa economia, fundamenta a ideia de repressão imanente e de moeda viva como base da superfície de inscrição do desejo na máquina capitalista.

Palavra-chave: Klossowski – Repressão – Dinheiro – Economia libidinal – Desejo – Esquizoanálise

Klossowski, the immanent repression and the living currency: about one of the basis of the schizoanalytic libidinal economy

Abstract: The present paper explores Pierre Klossowski's contribution to the debate on libidinal economy, which will be followed by Deleuze & Guattari with their schizoanalytic project. It demonstrates the explicit and implicit influence of Klossowski's text in *Anti-Oedipus*, giving centrality to the ideas of: 1) the indistinction between infrastructure and superstructure, where desire (or what Klossowski calls voluptuous emotion) is inserted into the material economic infrastructure; 2) that repression is an immanent phenomenon to desire itself, in line with the identity between social production and desiring production, mediated by the subject and socially established needs, moving away from the approach that postulated a duality between the spontaneity of desire and external social repression (attributed to the Freudo-Marxist field); and 3) that money or currency are essential elements of the capitalist libidinal economy, as money becomes the universal phantasm that exchanges with any and all voluptuous emotion. The article explains the relationship between Klossowski and Deleuze (& Guattari), as well as the influence of the former on the latter, and demonstrates Klossowski's proposed economy of the “soul”, with the notions of voluptuous emotion, phantasm, simulacrum, and *suppôt*, and, based on this economy, grounds the idea of immanent repression and living currency as the basis for the surface inscription of desire in the capitalist machine.

Keywords: Klossowski – Repression – Money – Libidinal economy – Desire – Schizoanalysis

¹ Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Email: emerson.pirola@acad.pucrs.br

Introdução

Neste artigo vamos a uma fonte fundamental da economia libidinal de Deleuze & Guattari: a obra de Pierre Klossowski, principalmente seus últimos textos escritos, *A moeda viva* e *Sade e Fourier*, de 1970,² a fim de explorar a relação de Deleuze & Guattari para com Klossowski e para melhor entender alguns de seus caminhos teóricos. A relação entre Klossowski e Deleuze é pouco comentada, talvez por a pesquisa ao redor de Klossowski ser pequena e, causa correlata, por ser um autor de escrita difícil e obscura. Com o engajamento na obra de Klossowski, entretanto, podemos ver algumas das origens da teoria da indistinção entre infra e superestrutura, a introdução do desejo na economia e a ideia de que a repressão é um fenômeno que advém do próprio desejo, ideias centrais do trabalho conjunto de Deleuze & Guattari, principalmente em *O anti-Édipo*. Além disso, delineamos alguns apontamentos sobre a relação entre desejo e moeda, que constam explicitamente no texto klossowskiano e aparecem de maneira cifrada ou não referenciada em Deleuze & Guattari. *Por questões de espaço, tomamos como dado um conhecimento básico do projeto deleuze-guattariano*, principalmente o contido em *O anti-Édipo*, centrado em problemas de economia libidinal, como a univocidade da produção social e da produção desejante. Por economia libidinal deve se entender uma problematização dos fenômenos sócio-políticos como integrando economia política e economia psíquica a partir de dois axiomas básicos: *toda economia é libidinal; toda libido é econômica*.³

A relação Klossowski-Deleuze & Guattari

A obra de Klossowski, incluindo suas traduções de Nietzsche, foi de grande influência para a geração de filósofos a que pertencem Deleuze, Foucault e Lyotard: “seria difícil de exagerar a influência que *A moeda viva* teve na geração de pensadores franceses que atingiram a maioria nos anos 1960”.⁴ E Smith destaca: “Talvez mais do que qualquer outro pensador, foi Deleuze quem iria pegar as ideias de *A moeda viva* e levá-las em novas direções”.⁵ Algumas das teses centrais consideradas como inovações de *O anti-Édipo* a respeito da economia libidinal são remetidas diretamente a Klossowski:⁶ “A meditação de Klossowski sobre a relação das pulsões e das instituições, sobre a presença das pulsões na própria infraestrutura econômica, é desenvolvida no seu artigo ‘Sade et Fourier’ [...] e, sobretudo, em *La Monnaie Vivante*”.⁷ Nesse último texto, Klossowski é enfático: “Não poderíamos dizer que as normas econômicas constituem uma subestrutura derivada dos afetos, e não são elas mesmas uma infraestrutura final? E se *houvesse* uma infraestrutura final,⁸

² Klossowski viveu até 2001, mas após o início dos anos 1970 abandonou a escrita e se dedicou exclusivamente à pintura (cf. Smith, “Introduction: Pierre Klossowski: From theatrical theology to counter-utopia”).

³ Cf. Noys, “Axioms of libidinal economy”.

⁴ Smith, “Introduction...”, p. 2.

⁵ Smith, “Introduction...”, p. 3.

⁶ É válido mencionar que Klossowski já exercera influência em Deleuze em textos anteriores, sendo toda a leitura de Nietzsche de Deleuze (e de Foucault) influenciada pela de Klossowski, que, por sua vez, dedicou seu livro sobre Nietzsche a Deleuze (cf. James, “Pierre Klossowski”, que aborda essa influência anterior, mas ignora *A moeda viva* e *O anti-Édipo*).

⁷ Deleuze; Guattari, *O anti-Édipo*, p. 89, n. 9.

⁸ No original: “*infrastructure dernière*”: lembrar da “determinação em última [*dernière*] instância” pelo econômico, dos althusserianos.

ela não seria constituída pelo comportamento de nossos afetos e impulsos?”⁹ Deleuze & Guattari o seguirão: “o desejo faz parte da infraestrutura”¹⁰

Antes de Deleuze & Guattari o tentarem, foi Klossowski, segundo os próprios, quem primeiro abriu o caminho para fora do freudo-marxismo, que possuía o monopólio do problema da relação entre desejo e sociedade:

nas suas obras mais recentes [*A moeda viva; Sade e Fourier*], Klossowski nos indica o único meio de ultrapassar o estéril paralelismo entre Marx e Freud em que nos debatemos: descobrindo a maneira pela qual a produção social e as relações de produção são uma instituição do desejo, e pela qual os afetos ou as pulsões fazem parte da própria infraestrutura. Pois *eles fazem parte dela, estão presentes nela de todas as maneiras*, criando nas formas econômicas tanto a sua própria repressão quanto os meios de romper essa repressão.¹¹

E Deleuze, em carta a Klossowski de 21 de abril de 1970, durante a redação de *O anti-Édipo*, escreve de maneira extremamente elogiosa:

Você introduz o desejo na infraestrutura ou, o que dá no mesmo, você introduz, inversamente, a categoria de produção no desejo. Isso me parece de uma importância imensa; pois é 1) o único meio de sair do paralelismo estéril Marx-Freud,¹² Dinheiro-Excremento etc., todas essas besteiras; 2) o meio de ser bem-sucedido ali onde Reich, apesar de sua genialidade, fracassou (porque ele fixou no nível de uma crítica das ideologias, não tendo visto, ele também, o ponto de inserção das pulsões na infraestrutura).¹³

Mesmo supondo certo formalismo elogioso da parte de Deleuze, em carta privada ao amigo e parceiro intelectual, salta aos olhos o tom de Deleuze, em que as mesmas fórmulas utilizadas para definir o projeto esquizoanalítico em *O anti-Édipo* são ditas estarem em funcionamento no texto klossowskiano. Ele ainda coloca: “Eis que, uma vez mais, *eu lbe sigo*. [...] No que você faz há o suficiente para que o duplo imobilismo marxista-psicanalista se

⁹ Klossowski, *Living Currency*, p. 47. Grifo no original.

¹⁰ Deleuze; Guattari, *O anti-Édipo*, p. 143. Grifo no original.

¹¹ Deleuze; Guattari, *O anti-Édipo*, p. 90. Grifo no original.

¹² É curioso como Foucault, também em carta a Klossowski a respeito de *A moeda viva*, repete o mesmo tema da saída do paralelismo freudo-marxista: “é o maior livro do nosso tempo. Tem-se a impressão de que tudo o que importa de uma forma ou de outra – Blanchot, Bataille, *Além do Bem e do Mal* também – leva direto a ele, insidiosamente. [...] É nisso que deveríamos estar pensando: o desejo, o valor e o simulacro – o triângulo que nos domina e nos constituiu durante muitos séculos de nossa história. [...] Aqueles que diziam então e dizem agora, Freud-e-Marx, e que trabalharam fundo em seus túneis de toupeira: hoje podemos rir deles, e sabemos por quê?” (Foucault, “Letter from Michel Foucault to Pierre Klossowski”, p. 41). Além disso, em sua resenha das obras de Deleuze do fim dos anos 1960, Foucault repete o mesmo tema para falar do trabalho de Deleuze: “Homenagens sejam prestadas a Deleuze. Ele não retomou o slogan que nos cansa: Freud com Marx, Marx com Freud, e todos os dois, se lhes agrada, conosco. Ele analisou claramente o essencial para pensar o fantasma e o acontecimento. Não procurou reconciliá-los (ampliar o limite extremo do acontecimento com qualquer consistência imaginária de um fantasma; ou preencher a flutuação do fantasma adicionando um grão de história real). Ele descobriu a filosofia que permite afirmá-los a ambos disjuntamente” (Foucault, “Theatrum Philosophicum”, p. 242). Kaufman (*The Delirium of Praise*) atenta como o tom da resenha de Foucault é atravessado por Klossowski, que aparece já no primeiro parágrafo e é a última palavra do texto.

¹³ Deleuze, *Cartas e outros textos*, p. 63.

movimente, talvez mesmo pule fora, o que seria uma alegria”;¹⁴ e, por fim, *O anti-Édipo* é dito ser um livro “de seus [de Klossowski] seguidores”.¹⁵

A economia libidinal da alma em Klossowski

O texto de Klossowski sobre *A moeda viva* (além de *Sade e Fourier*) intenta estabelecer as teses a ele imputadas por Deleuze & Guattari com uma linguagem própria, diferente da que aparece na obra da dupla. Há em Klossowski uma economia tripartite da “alma”, com o primeiro conceito sendo o de *impulso, pulsão ou emoção voluptuosa*, o segundo de *fantasma* e o terceiro de *simulacro* ou estereótipo (este último sendo um tipo restrito do simulacro). Começemos com a síntese oferecida por Smith:

primeiro, há *impulsos*, com seus aumentos e quedas de intensidade, suas elevações e depressões, que não têm significado ou objetivo em si mesmos; em segundo lugar, esses impulsos dão origem a *fantasmas*, que constituem a profundidade incomunicável e a singularidade da alma individual; terceiro, sob o constrangimento obsessivo do fantasma, são produzidos *simulacros*, que são a reprodução ou repetição do fantasma através do exagero de estereótipos. *Impulsos, fantasmas, simulacros-estereótipos*: um tríptico circuito.¹⁶

Entender essa economia da alma é essencial para entender o imbricamento entre economia libidinal e política, além do papel do dinheiro nele, visto que Klossowski coloca o problema do seguinte modo: “Como pode uma emoção voluptuosa ser reduzida a um objeto comodificado e desse modo se tornar, na nossa era de excessiva industrialização, um fator na economia?”¹⁷ O caminho que vai da emoção voluptuosa ao simulacro, que será representado pelo objeto (um marxista diria mercadoria) e, especialmente, pelo dinheiro, é o que dará a resposta.

Enquanto Klossowski fala em emoção voluptuosa ou pulsão, Deleuze e Guattari “usam o termo ‘desejo’ como uma abreviação para indicar a vida dos impulsos”.¹⁸ Essa emoção voluptuosa é estritamente ligada à noção de *perversão*: Klossowski adota o conceito de perversão do século XIX, esta sendo qualquer ato sexual que foge da norma reprodutiva (considerada normal). Ele entende a sexualidade como tendo duas propensões: uma como instinto de reprodução da espécie; outra como emoção voluptuosa que precede o ato de procriação. A perversão seria uma fixação voluptuosa antes do momento reprodutivo.¹⁹ Klossowski fala então em “perversão polimórfica”, mas retirando a restrição infantil

¹⁴ Deleuze, *Cartas e outros textos*, p. 63. Grifo nosso.

¹⁵ Deleuze, *Cartas e outros textos*, p. 64. Grifo nosso. Também vale dizer que uma das afirmações sobre Keynes e a relação desejo-moeda adveio provavelmente da leitura de Klossowski. Em *O anti-Édipo* consta: “Uma das contribuições de Keynes foi reintroduzir o desejo no problema da moeda” (Deleuze; Guattari, *O anti-Édipo*, p. 305-6). E em carta de abril de 1971 a Klossowski, Deleuze escreve: “É preciso mesmo que eu me ponha a ler Keynes, pois acredito em sua sugestão de que ele descobre uma estranha conexão desejo-moeda” (*Cartas e outros textos*, p. 63). Há uma aula de Deleuze (em *Derrames*), em que parte do economista keynesiano Daniel Antier, e que foi dada em dezembro de 1971. É seguro, então, pensar que Deleuze de fato se colocou a ler Keynes (ou, ao menos, um keynesiano) devido à leitura de Klossowski.

¹⁶ Smith, “Introduction...”, p. 10. Grifo no original.

¹⁷ Klossowski, *Living Currency*, p. 48.

¹⁸ Smith, “Introduction...”, p. 38, n. 95.

¹⁹ Klossowski, *Living Currency*, p. 49.

estabelecida na psicanálise²⁰: somos sempre polimorfos perversos, e é essa a base da civilização industrial — “O fenômeno industrial seria, portanto, a perversão do instinto de conservar e propagar a espécie”.²¹ A perversão, separando a emoção voluptuosa da reprodução biológica, é um desvio de uma energia à outra. É como se houvesse uma energia de reprodução guardada que é retirada e então redirecionada à outra forma de produção ou criação, tornando as pulsões a base da civilização: a unidade básica, metodológica, da teoria econômica, não é o indivíduo, mas as pulsões: “O verdadeiro produtor ou consumidor não é em absoluto a puramente fictícia unidade do indivíduo, mas antes seus fantasmas impulsivos — ou, como as coisas se encontram, sua alegada anormalidade”.²²

Assim, introduz-se o segundo termo da série: o fantasma. A separação entre pulsão e fantasma é mais analítica do que real, visto que o fantasma é o objeto necessário da primeira. O termo “fantasma” “vem do grego *phantasia* (aparência, imaginação), e Klossowski o utiliza para se referir a uma imagem obsessiva produzida em nós pelas forças de nossa vida impulsiva”.²³ Essa “imagem obsessiva” não deve ser entendida como uma falsidade “imagética”, mas como um objeto real que move a pulsão produtiva desse mesmo objeto: há uma “*habilidade de cada paixão de fabricar seu objeto*”²⁴ — o eco deleuzo-guattariano com a ideia de que o desejo é produtivo é gritante. Como Smith explica, “um fantasma ‘é ‘algo’ que agarra a turbulência selvagem da libido, algo que ela inventa como um objeto incandescente’”.²⁵ Se apaixonar é o mais óbvio exemplo de um fantasma: o amor é um impulso com uma alta intensidade, mas aquilo com que nos apaixonamos é um fantasma ou imagem obsessiva que vem a dominar a totalidade de nossos impulsos”.²⁶

Passemos ao terceiro termo: o simulacro. O fantasma “perverso” dá o norte da fabricação do simulacro enquanto objeto externo, material ou imaterial. Este é uma espécie de “tradução social” do objeto fantasmático, que pode ser um objeto útil ou inútil, uma obra de arte ou um ídolo religioso (o autor explicitamente o refere às estátuas de deuses do paganismo antigo). Assim, “simulacros são transcrições de fantasmas, artefatos que *contam como* (ou são *equivalentes a*, podem ser trocados por) fantasmas”.²⁷ O tema da equivalência é essencial aqui, visto que o fantasma é dito ser *incomensurável*, *incomunicável* e *introcável*, enquanto o simulacro efetuará uma trocabilidade e uma equivalência entre fantasmas. Assim, embora o dinheiro não esgote o conceito de simulacro, ele é um de seus principais avatares, ao menos na sociedade industrial, posto que ele consegue efetuar de maneira exemplar essa troca: “O simulacro, por ser comunicável (talvez até destinado a comunicar a intransmissibilidade do fantasma), introduz trocabilidade: portanto é dinheiro, um signo, ele *conta como outra coisa* que seu material ou arranjo, e é devotado à circulação”.²⁸ Como explica Kaufman,²⁹ a diferença entre o fantasma e o simulacro é aquela entre a singularidade e a generalidade, entre

²⁰ Klossowski, *Living Currency*, p. 85.

²¹ Klossowski, *Living Currency*, p. 60.

²² Klossowski, *Living Currency*, p. 85. Grifo no original.

²³ Smith, “Introduction...”, p. 6.

²⁴ Klossowski, *Living Currency*, p. 63. Grifo no original.

²⁵ Smith está aqui citando o Lyotard de *Economia Libidinal*.

²⁶ Klossowski, *Living Currency*, p. 7.

²⁷ Smith, “Introduction...”, p. 8. Grifo no original.

²⁸ Lyotard, *Economia libidinal*, apud Kaufman, *The Delirium of Praise*, pp. 115-116. Grifo no original.

²⁹ Kaufman, *The Delirium of Praise*, p. 116.

introcabilidade e trocabilidade, pois o simulacro “tenta introduzir uma economia de troca recíproca aonde uma tal economia é constitutivamente impossível”.³⁰

Sobre essa oposição entre troca e não troca, é necessário voltar ao tema do desvio da energia reprodutiva para a energia perversa da emoção voluptuosa. Smith atenta que “Klossowski às vezes chama esses desvios de *prélèvements*, ‘deduções’ ou ‘débitos’, como se estivesse sacando de uma conta”.³¹ É importante esse uso das expressões monetárias e bancárias, pois ele reflete um ponto importante do argumento do autor: a passagem da emoção voluptuosa, enquanto desvio da reprodução biológica, para o fantasma, é tida como uma espécie de relação de endividamento ou dádiva, na qual a pessoa que *préleve* da energia reprodutiva está efetuando uma espécie de roubo: não há troca entre energia de reprodução e energia de perversão, mas subtração — “a intensidade do fantasma decorre da ausência do princípio de reciprocidade”.³² Assim, a troca funciona no registro do simulacro apenas, pois antes, no registro do fantasma, há uma “troca” (subtração sem equivalência) entre energia reprodutiva e energia perversa, que dá na emoção voluptuosa e no fantasma. Nessa “troca” de energia há uma espécie de barganha entre o indivíduo e o fantasma que o atormenta, que define quanta energia será desviada ao fim perverso.³³ O argumento de Klossowski é difícil, então vale insistir: essas forças que são “deduzidas” [*prélevée*; “subtraídas”] do instinto de reprodução formam a “matéria bruta” para o fantasma, que será “interpretado” pelas emoções. O fantasma aqui funciona como um objeto fabricado.

Esse uso do fantasma por uma força impulsiva [*force pulsionnelle*] coloca seu preço na emoção, que se torna inextricavelmente ligada a esse uso [*qui se confond avec cet use*]; no entanto, a perversão quer que as emoções provocadas pelo seu uso do fantasma sejam *insubstituíveis*. É aqui que surge a primeira valoração de uma emoção vivida: um impulso que consideramos *perverso* (porque recusa a *realização gregária da unidade individual* na função procriadora) se oferece em sua intensidade como algo introcável, sem preço. E embora a unidade do indivíduo possa ser completa fisiologicamente, em sua aparência corporal, de certa forma ela é aqui trocada pelo *fantasma*, sob cuja coerção é agora exclusivamente mantida.³⁴

A “valoração” dos impulsos, que se colocam como sem preço estimável, acontece, pois eles são trocados pela energia de manutenção do indivíduo, energia *reprodutiva*, havendo aqui uma troca libidinal primeira, que barganha com o fantasma.

Nada na vida dos impulsos parece ser gratuito, propriamente falando. Assim que uma interpretação dirige seu desenvolvimento (a luta das emoções para se manterem contra o instinto de reprodução), intervém uma avaliação e, portanto, um *preço*. Mas quem acaba por arcar com o custo, quem vai pagar, de uma forma ou de outra, é o sujeito [*suppôt*] que constitui o *lugar* onde a luta

³⁰ Kaufman, *The Delirium of Praise*, p. 116.

³¹ Smith, “Introduction...”, p. 23.

³² Klossowski, *Living Currency*, pp. 95-96, n. 3.

³³ Klossowski, *Living Currency*, p. 91.

³⁴ Klossowski, *Living Currency*, p. 49. Grifos no original.

é travada, onde um compromisso possível ou inatingível é disputado e negociado – *o próprio corpo*.³⁵

A repressão imanente

Para entender melhor esse ponto, é necessário esclarecer sobre a categoria de *suppôt* ou de sujeito e introduzir a importância de categoria de *necessidade*, e, através de ambas, adentrar o argumento a propósito da repressão desejante. Como esclarece Smith,³⁶ “o termo do francês arcaico *suppôt* traduz o termo do latim *suppositum*, que na filosofia escolástica geralmente indicava uma realidade substancial considerada em sua totalidade, e especificamente, um ser dotado de razão; enquanto tal, era usado como um sinônimo de ‘pessoa’ ou de ‘indivíduo’. [...] Klossowski sempre usa o termo em seu sentido escolástico”. Por isso, o *suppôt* pode ser entendido da maneira próxima à noção de “sujeito” (como também aponta Smith) como entendida no estruturalismo e no assim chamado “pós-estruturalismo”, visto que ele é ao mesmo tempo o local e o resultado de uma batalha de forças imanentes e de uma espécie de repressão resultante dessa batalha: “A primeira força de repressão a emergir nos impulsos é a *formação de um agente da unidade orgânica e psíquica*, uma repressão que corresponde, para o agente, ao *constrangimento ao qual ele é sujeito pelo combate entre impulsos conflitivos durante a constituição dessa unidade*”.³⁷ O *suppôt* é a unidade orgânica e psíquica que sobrevoa as forças e pulsões imanentes em conflito, a instância soberana sobre forças múltiplas e centrífugas. O *suppôt*, entretanto, não deixa de ser um fantasma, o mais forte dentre eles (ao menos nos momentos de estabilidade orgânica e psíquica), que é o objeto da pulsão conservativa quando ela leva a melhor no jogo violento de emoções voluptuosas e fantasmas — “nosso fantasma fundamental é o ego ou o *suppôt*, uma entidade complexa e frágil que concede ambas unidade psíquica e orgânica ao caos movente dos impulsos”.³⁸ O *suppôt*, enquanto esta instância orgânica de reprodução do “sujeito”, relaciona-se diretamente com a *necessidade* enquanto categoria de reprodução, e é assim que se estabelece o link entre a emoção voluptuosa e as “normas econômicas”, ligando uma repressão interna ao regime das pulsões a uma repressão institucional:

É essa repressão inicial dos impulsos que forma a *unidade orgânica e psíquica do sujeito [suppôt]*. [...] Essa repressão e, portanto, esse conflito, será prolongado fora do sujeito [*suppôt*] enquanto sua unidade individual for integrada e, portanto, definida por uma hierarquia de valores traduzida em uma hierarquia de necessidades. *Essa hierarquia de necessidades é a forma econômica de repressão que as instituições existentes impõem pela e através da consciência do sujeito às forças imponderáveis de sua vida psíquica*.³⁹

A necessidade (*besoin*), do ponto de vista da reprodução do organismo (entendido em sentido biopsíquico), é o que reduz as forças — às reprime — ao sujeito (*suppôt*), ligando-o

³⁵ Klossowski, *Living Currency*, p. 65. Grifo no original.

³⁶ Smith, “Introduction...”, pp. 31-32.

³⁷ Klossowski, *Living Currency*, pp. 79-80. Grifo no original.

³⁸ Smith, “Introduction...”, p. 9.

³⁹ Klossowski, *Living Currency*, p. 48. Grifo no original.

à hierarquia social e econômica. (Não vem daqui a inspirações de Deleuze & Guattari para ligarem a síntese de *consumo* ao *sujeito*?⁴⁰). Assim, *a virada de chave na discussão sobre a repressão como feita por Klossowski, que será louvada e seguida por Guattari, será o de pensar a repressão como acontecendo já na natureza do próprio desejo, saindo de um dualismo desejo-sociedade*. Como Klossowski coloca, “se estas forças [impulsivas] são expressas especificamente em acordo com normas econômicas existentes, então *elas mesmas criam a sua própria repressão [elles se créent elles-mêmes leur propre répression]*, assim como os meios de romper [com] a repressão ao qual elas são sujeitas em diferentes graus”.⁴¹ Assim, as pulsões imanentes, as emoções voluptuosas, são cooptadas pela “sociedade industrial” na direção da reprodução do *suppôt*. “Tal é o paradoxo que Klossowski localiza no cerne do regime industrial: ele é por natureza *perverso*, alimentado por uma emoção voluptuosa que foi desviada de seu papel procriador, mas pega essa energia desviada e a coloca a serviço da manutenção da unidade de o sujeito econômico (o *suppôt*)”⁴². A energia perversa que foi em um primeiro momento retirada da energia reprodutiva biológica é agora recolocada a serviço da reprodução social, reprimindo a própria dinâmica das emoções voluptuosas e dos fantasmas: “No regime industrial, *os afetos foram reconfigurados em uma mera demanda por bens*, o que é uma inversão antagonista de seu próprio ser”.⁴³ O capitalismo, então, passa a produzir e suprir necessidades de acordo com as normas sociais estabelecidas, produzindo simulacros — que ignoram as distinções entre útil e supérfluo e entre necessidade e fantasia⁴⁴ — para os fantasmas.

Tendo introduzido o argumento sobre a repressão como exposto por Klossowski, antes de seguir à sua discussão sobre o dinheiro, abrimos um parêntese sobre a questão da repressão em Deleuze & Guattari, que, nesse ponto, o seguem. Embora não seja raro um entendimento de *O anti-Édipo* como um manifesto desejante espontaneísta, essa leitura é contrária ao argumento dos autores. Guattari salientava: “Estou longe de qualquer ideia de espontaneísmo no campo da economia do desejo: [...] *Não tenho nada a ver com a mitologia libertadora do desejo pelo desejo*”.⁴⁵ Pelo contrário, o espontaneísmo do desejo é o outro lado da moeda do argumento que entende a repressão enquanto mera repressão social sobre um desejo naturalizado (o que Deleuze & Guattari tendem a apontar no freudo-marxismo). Isso não quer dizer que não exista algo como a repressão social capitalista, mas que ela não deve ser entendida em dualismo com um desejo supostamente livre. Como esclarece Jacques Donzelot em resenha de *O anti-Édipo*,

Para Deleuze e Guattari a repressão é inseparável da auto-repressão própria da lógica do capitalismo, que só pode existir libertando a produção genérica, mas contendo-a em limites tais que não permitam que isso se esgueire por todos os lados. Ela não é pois uma condição exterior do capitalismo mas a sua contradição interna. A questão fundamental que *O Anti-Édipo* coloca é pois a seguinte: se o capitalismo é tanto mais poderoso quanto mais produção libertar, e por conseguinte mais desejo, como é que consegue resistir? Tendo

⁴⁰ Deleuze; Guattari, *O anti-Édipo*, p. 30.

⁴¹ Klossowski, *Living Currency*, p. 48. Grifo no original.

⁴² Smith, “Introduction...”, p. 24.

⁴³ Klossowski, *Living Currency*, p. 51.

⁴⁴ Cocco; Cava, *New Neoliberalism and the Other*, p. 177.

⁴⁵ Guattari, *Micropolítica*, p. 177. Grifo no original.

em consideração que não basta dizer que o consegue através da repressão, mas que é necessário explicar como é que esta é possível, quais as relações que existem entre a sua eficácia e o desejo.⁴⁶

Deleuze & Guattari, portanto, sustentarão que o recalçamento, essa forma de repressão do desejo pelo desejo, depende da repressão social, que se articula à própria dinâmica produtiva do desejo, que é levado a desejar a própria repressão. Não é a repressão social que é compreendida a partir de um recalçamento psíquico; não é, também, o contrário, como se o recalçamento psíquico fosse uma instanciação da repressão social; essas duas possibilidades ainda pecam por separar produção social e desejante. É um e mesmo processo de repressão social-desejante em que as forças produtivas do desejo são simultaneamente recalçadas e reprimidas em prol da reprodução social e suas normas, mas reprimidas por força do próprio desejo. “O objetivo da esquizoanálise é, pois, o seguinte: analisar a natureza específica dos investimentos libidinais do econômico e do político, e assim mostrar como o desejo pode ser determinado a desejar sua própria repressão no sujeito que deseja”.⁴⁷ Como Klossowski, eles também enfatizaram o papel da necessidade e do sujeito — da síntese de consumo — nesse processo: “as forças de repressão sempre tiveram necessidade de Eus atribuíveis, de indivíduos determinados, sobre os quais elas pudessem se exercer”.⁴⁸ “A sociedade sempre produz a repressão do desejo em nome de que ‘as pessoas têm necessidades e nós nos encarregamos de satisfazê-las’. A repressão do desejo nunca se faz em nome de que há desejos e há que tê-los em conta, senão apelando a ser razoáveis, sempre em nome da necessidade”.⁴⁹

A moeda viva

Agora passamos ao papel que o dinheiro tem na teoria de Klossowski. Segundo Smith,⁵⁰ o objetivo de Klossowski não é liberar o mundo dos impulsos da repressão pelo *suppôt* ou pela economia, mas é antes demonstrar como a comodificação é inerente aos impulsos, dada a sua habilidade de criar seu próprio objeto, o que explica o porquê deles poderem ser comercializados e tornados em mercadorias. Como o autor mesmo coloca,⁵¹ há um “caráter mercantil da vida impulsiva que reside no coração dos indivíduos”, e foi ignorado a partir do momento em que os ídolos religiosos (simulacros) começaram a ser considerados “inúteis”, dando início a uma era onde impera a noção moderna de que o *pathos* não pode ser precificado (segundo o autor, o paganismo antigo observava a relação entre valorização social, inclusive mercantil, e o fantasma, via produção de simulacros). A tese de Klossowski, portanto, não é que a comodificação dos afetos seja uma deturpação da natureza deles, mas que faz parte do seu desenvolvimento sócio-libidinal, mesmo se há efetivamente uma diferença de natureza entre a emoção voluptuosa-fantasma e o simulacro, trocado por eles. Um ponto curioso do argumento do autor, ainda, é sobre uma espécie de condição de possibilidade da precificação que passa por um argumento quase-marxista que poderíamos

⁴⁶ Donzelot, “Uma anti-sociologia”, p. 171.

⁴⁷ Deleuze; Guattari, *O anti-Édipo*, p. 143.

⁴⁸ Deleuze, “Sobre Nietzsche e a imagem do pensamento”, p. 178.

⁴⁹ Deleuze, *Derrames*, p. 239.

⁵⁰ Smith, “Introduction...”, pp. 21-22.

⁵¹ Klossowski, *Living Currency*, p. 47.

chamar de um “cercamento do desejo”, que passa por separar alguém de sua capacidade de fruir uma emoção para então poder precificá-la:

A emoção voluptuosa (não comunicada ou incomunicável) é sobretudo *indiferente*: não tem valor enquanto puder ser experimentada por todos e por todos. Mas assim que alguém que ainda é *capaz* de vivê-la não tem mais *meios* de vivê-la imediatamente, a emoção deixa de ser indiferente e ganha em valor. [...] Tal é o projeto mercantilizador da emoção voluptuosa. No entanto, pensar nesta operação como um ato vergonhoso empreendido apenas para o lucro é cegar-se para a natureza da sensação voluptuosa.⁵²

Há um tipo de cercamento que separa alguém da realização de sua emoção voluptuosa de fantasma em um simulacro, fazendo, então, que o simulacro se torne precificável. É aí que o dinheiro, enquanto simulacro desigualmente distribuído, pode precificar os diferentes fantasmas, que, enquanto tais, seriam “introcáveis” ou “incomunicáveis”: “Já que os fantasmas são incomunicáveis, nenhuma troca direta é possível entre indivíduos no nível de suas perversões. Um *simulacro* de comunicação de fato existe, mas só pode ser provido pelo dinheiro”.⁵³ O dinheiro tem, portanto, uma função de transubstancialização entre emoção voluptuosa e “valor de mercado”,⁵⁴ e, devido a essa capacidade de ser trocado por qualquer fantasma, o dinheiro se torna, na sociedade capitalista, o fantasma por excelência: “o dinheiro em si não é outra coisa que um fantasma que corresponde a um fantasma”.⁵⁵ O argumento de Klossowski passa pela noção de abstração, pela força que o dinheiro teria em se abstrair da multiplicidade intensiva dos fantasmas exatamente para captá-lo e convertê-lo em simulacro trocável: “Porque o fantasma perverso é fundamentalmente ininteligível e não-trocável, somente a moeda é suficientemente abstrata para constituir seu equivalente inteligível universal”.⁵⁶ Essa abstração do dinheiro faz com que ele se torne o objeto do desejo, o objeto da emoção voluptuosa, e que substitua a multiplicidade fantasmática por uma espécie de fantasma abstrato, dinheiro que substitui fantasmaticamente os diferentes objetos do desejo de que o dinheiro é via de acesso: “Se o fantasma requer um gasto *medido em dinheiro* [*déterminée en numéraire*], o dinheiro irá expressar o equivalente concretizado do dinheiro, do qual a riqueza será representada pelo poder de compra do dinheiro. [...] O dinheiro, mesmo quando representa e garante o que existe, agora se torna um signo do *que não existe*, nomeadamente, o fantasma”.⁵⁷

Dada essa conexão pulsão-fantasma-simulacro (dinheiro), Klossowski⁵⁸ (inspirado em Sade) utiliza a ideia da *prostituição universal* para qualificar a economia da sociedade industrial — uma prostituição *de facto* material e moral — na medida em que são os corpos mesmos que se vendem e se trocam, através de suas pulsões e fantasmas. Marx já havia sugerido a imagem da prostituição para pensar a condição do trabalhador no capitalismo,⁵⁹

⁵² Klossowski, *Living Currency*, pp. 67-68. Grifo no original.

⁵³ Smith, “Introduction...”, p. 26.

⁵⁴ Klossowski, *Living Currency*, p. 71.

⁵⁵ Klossowski, *Living Currency*, p. 72. Grifo no original.

⁵⁶ Klossowski, *Living Currency*, p. 89; pp. 68-69.

⁵⁷ Klossowski, *Living Currency*, p. 69. Grifo no original.

⁵⁸ Klossowski, *Living Currency*, p. 55; p. 70; Cf. Noys, “We are all prostitutes: Crisis and libidinal economy”.

⁵⁹ Marx, *Manuscritos econômico-filosóficos*, p. 107.

mas ali a imagem ainda era utilizada para falar da exploração do trabalho, enquanto em Klossowski a imagem serve para pensar as relações econômicas *tout court*, na medida em que são a realização institucional das emoções voluptuosas e dos afetos mais “profundos”. Conquanto a imagem da prostituição para pensar as relações econômicas em geral possa ser problematizada de um ponto de vista feminista,⁶⁰ o essencial é reter que a noção de *prostituição universal* enquanto determinante da “sociedade industrial” é, para Klossowski, indício do imbricamento material e moral entre pulsões e normas econômicas.

Giuseppe Cocco e Bruno Cava⁶¹ se apropriam do trabalho de Klossowski em uma direção já bastante marcada pela obra de Deleuze & Guattari. Parte central de sua abordagem do tema da moeda é salientar como o dinheiro é atravessado e movido por *corpos*, corpos vivos e desejantes, o que faz com que a moeda seja, finalmente, *moeda viva*, como dá o título de Klossowski.

O dinheiro não é inerte; não é um equivalente universal ou um mero meio [*medium*] para trocas. É de fato moeda viva, atravessada por intensidades e polaridades apaixonadas, totalmente implantada com corpos. [...] Moeda não é meio [*medium*]; este é um atributo do corpo desejante, que é um meio [*medium*] humano, demasiado humano. A moeda viva flui através de corpos, objetos e impulsos de acordo com uma economia libidinal. Está viva!⁶²

Assim, são os corpos que se tornam a base da moeda e da valoração: “a infra-estrutura econômica nada mais é do que o complexo libidinal dos corpos vivos, sobre o qual tudo pode ter um valor”.⁶³ Os autores salientam, também, como o simulacro é uma produção que excede os limites da utilidade e da necessidade, levando o funcionamento da economia capitalista para além de qualquer hierarquia entre produtivo e não produtivo, útil e inútil, criando uma tensão entre o sujeito aparentemente racional e a lógica constitutiva do excesso própria ao desejo.⁶⁴ Assim, ponto essencial de sua leitura, é que, com o capitalismo e a subsunção de toda a vida das pulsões à lógica do capital — quando o dinheiro se torna o fantasma por excelência —, os corpos se tornam essa espécie de moeda viva que circula pelos circuitos monetários:

o dinheiro nada mais faz do que instalar uma circulação generalizada e mais intensa dos próprios afetos corporais. [...] se o dinheiro deveria ser a mediação entre os corpos produtivos e o capital, então os corpos se tornam mediações para o dinheiro, a verdadeira força governante da produção. *O dinheiro deixou de ser mediação produtiva: são os corpos que se tornaram mediação produtiva para o dinheiro.*⁶⁵

Se lembrarmos que a “unidade mínima” da análise econômica não é o indivíduo (*suppôt*), mas as pulsões, sabendo que as pulsões produzem como objeto o fantasma — este

⁶⁰ Cf. Noys, “We are all prostitutes’: Crisis and libidinal economy”, p. 169.

⁶¹ Cocco; Cava, *New neoliberalism and the other*.

⁶² Cocco; Cava, *New neoliberalism and the other*, p. 178.

⁶³ Cocco; Cava, *New neoliberalism and the other*, p. 180.

⁶⁴ Cocco; Cava, *New neoliberalism and the other*, pp. 179-181.

⁶⁵ Cocco; Cava, *New neoliberalism and the other*, p. xiii. Grifo no original.

sendo substituído pelo fantasma monetário —, é em relação ao dinheiro que as pulsões corporais se movem. Ou, como colocam Deleuze & Guattari: “é no nível dos fluxos, e dos fluxos monetários, não no nível da ideologia⁶⁶, que se faz a integração do desejo”.⁶⁷

Conclusão

Com esse breve panorama sobre a original proposição klossowskiana sobre a economia libidinal fica claro como é na obra desse obscuro autor que Deleuze & Guattari encontram parte do subsídio inicial para a crítica da psicanálise e do freudo-marxismo. Mesmo se Deleuze & Guattari avançarão as intuições de Klossowski em direções próprias e complexificarão algumas de suas ideias, fica clara a influência do autor sobre o projeto esquizoanalítico, o que fica claro pelas próprias declarações de Deleuze. A ideia, central em *O anti-Édipo*, de que a repressão é um fenômeno imanente ao desejo, já que há identidade entre produção desejante e produção social, parte da relação estabelecida por Klossowski entre o “sujeito” e a “necessidade” socialmente estabelecida. Daí parte-se para a função mediadora do dinheiro, imbuído e atravessado imediatamente e intensivamente pelo desejo, ao ponto em que, como querem Cocco & Cava, os corpos desejantes é que se tornam meios do dinheiro. Aí está a base da tese deleuzo-guattariana de que o dinheiro é o corpo pleno da máquina capitalista, sua superfície de inscrição, que rege a produção, a distribuição e o consumo de virtualmente todas as intensidades desejantes dessa máquina social. O dinheiro, moeda viva, faz o campo de imanência propriamente capitalista, e sustenta seu poder e seu terror. Na permutabilidade entre emoção voluptuosa e fantasma, mediada pela necessidade socialmente estabelecida, o dinheiro se torna o fantasma universal e dá a potência universalizante própria do *socius* capitalista.

Referências bibliográficas

COCCO, Giuseppe; CAVA, Bruno. *New Neoliberalism and the Other*. Biopower, Anthropophagy, and Living Money. Lanham/Boulder/New York/London: Lexington Books, 2018.

DELEUZE, Gilles. Sobre Nietzsche e a imagem do pensamento [1968]. In.: DELEUZE, Gilles. *A ilha deserta*: e outros textos. São Paulo: Iluminuras, 2006, p. 175-83.

DELEUZE, Gilles. *Cartas e outros textos*. São Paulo: n-1 edições, 2018.

DELEUZE, Gilles. *Derrames*: entre el capitalismo y la esquizofrenia. 2ª ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Cactus, 2021.

DELEUZE, Gilles; Félix GUATTARI. *O anti-Édipo*: capitalismo e esquizofrenia [1972]. Tradução de Luiz Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2010.

⁶⁶ Ou seja: não no nível da superestrutura.

⁶⁷ Deleuze; Guattari, *O anti-Édipo*, p. 318.

DONZELOT, Jacques. Uma anti-sociologia. In.: CARRILHO, Manuel Maria (Org.). *Dossier Anti-Édipo: Capitalismo e esquizofrenia*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1976, pp. 153-84.

FOUCAULT, Michel. *Theatrum Philosophicum*. In: FOUCAULT, Michel. *Ditos & Escritos II: Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000, pp. 230-254.

FOUCAULT, Michel. Letter from Michel Foucault to Pierre Klossowski. In.: KLOSSOWSKI, Pierre. *Living Currency* — followed by Sade and Fourier. Edited by Vernon W. Cisney, Nicolae Morar and Daniel W. Smith. London/New York: Bloomsbury Academic, 2017, p. 41.

GUATTARI, Félix. *Micropolítica: Cartografias do desejo*. Organizado por Suely Rolnik. Petrópolis: Editora Vozes, 1986.

JAMES, Ian. “Pierre Klossowski”. In.: JONES, Graham. & ROFFE, Jon. (Eds.). *Deleuze's Philosophical Lineage*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2009, p. 339-55.

KAUFMAN, Eleanor. *The Delirium of Praise: Bataille, Blanchot, Deleuze, Foucault, Klossowski*. Baltimore and London: Johns Hopkins University Press. 2001.

KLOSSOWSKI, Pierre. *Living Currency* — followed by Sade and Fourier. Edited by Vernon W. Cisney, Nicolae Morar and Daniel W. Smith. London/New York: Bloomsbury Academic, 2017.

MARX, Karl. *Manuscrítos econômico-filosóficos*. Trad. Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2010a.

NOYS, Benjamin. ‘We are all prostitutes’: Crisis and libidinal economy. In.: MILESI, Laurent; MÜLLER, Christopher John; TYNAN, Aidan. (eds.) *Credo Credit Crisis: Speculations on Faith and Money*. London and New York: Rowman & Littlefield International, 2017, pp. 169-84.

NOYS, Benjamin. “Axioms of libidinal economy”. In.: GOOK, Ben (ed.). *Libidinal Economies of Crisis Times: The Psychic Life of Contemporary Capitalism*, Transcript Publishing, 2024, pp. 41-56.

SMITH, Daniel. “Introduction: Pierre Klossowski: From theatrical theology to counter-utopia”. In.: KLOSSOWSKI, Pierre. *Living Currency* — followed by Sade and Fourier. Edited by Vernon W. Cisney, Nicolae Morar and Daniel W. Smith. London/New York: Bloomsbury Academic, 2017, pp. 1-40.